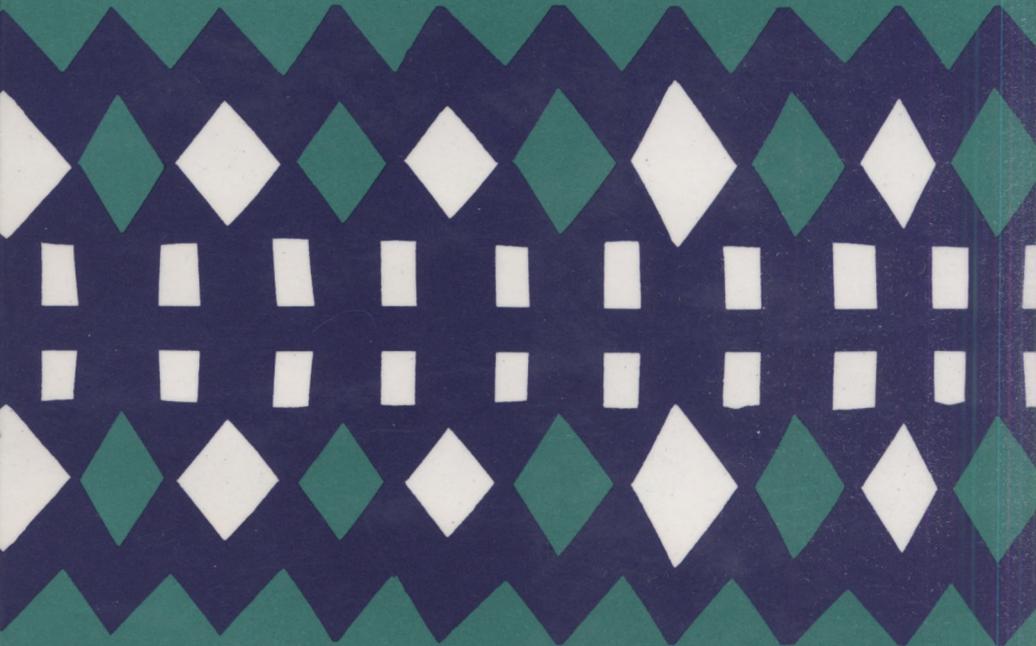


Порт/а
G-427

ГЛОБРОДНК



DIA VERDE

VASSYL GHOLOBORODHKO

DIA VERDE

COMPANHIA BRASILEIRA DE ARTES GRÁFICAS
RIO DE JANEIRO
1991

Tradução do Ucraniano e prefácio: Wira Selanski
Revisão: Theresia de Oliveira

Série VERTÉP:

1. Ghryghory Skovorodá: FÁBULAS (1978)
2. Tarás Chewtchenko: O SONHO (1980)
3. Iván Frankó: MOISÉS (1981)
4. Vassyl Stefanyk: CRUZ DE PEDRA (1982)
5. Lessia Ukrainka: DON JUAN (1983)
6. CONTOS POPULARES UCRANIANOS (1983)
7. Mykhailo Kotsiubynsky: SOMBRAS DOS ANCESTRAIS ESQUECIDOS (1985)
8. Marko Vowtchók: MARÚSSIA (1988)
9. CACIONEIRO DE NATAL (1988)
10. CÂNTICOS DA PRIMAVERA (1989)
11. Boghdán Ighor Antonytch: JARRA ESLAVA (1989)

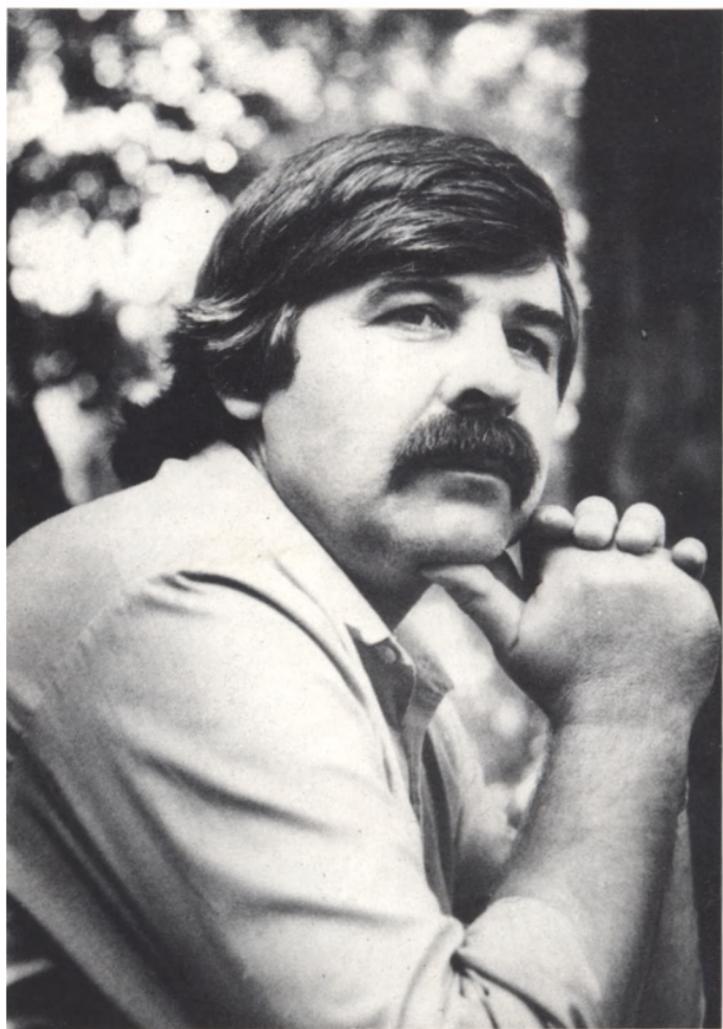
Série PYSSANKA:

1. Vassyl Gholoborodhko: DIA VERDE (1991)

Capa: WW

© Vassyl Gholoborodhko

Wira Selanski



VASSYL GHOLOBORODHKO

APRESENTAÇÃO DO POETA

"Nasci no ano de 1945, na aldeia Adrianopol da região de Donetsk, de uma família de camponeses. A escola secundária, incompleta, cursei na aldeia natal, em língua materna ucraniana; depois continuei estudos em diversas escolas do nosso país, já em língua russa. Em 1964, entrei na Universidade de Kyiw (Kiev), no Setor Ucraniano de Filologia.

No mesmo ano, a escola na minha aldeia natal, conforme as tendências russificadoras do governo central, passou a lecionar em língua russa. Aqui estão os começos da minha consciência nacional.

Durante os estudos em Kyiw, conheci muitos literatos correligionários, com muitos fiz amizade, muitos deles tornaram-se minha consciência durante longos anos, quando minha criação literária foi calada e perseguida pelo governo.

Continuei os estudos superiores na Universidade de Donetsk, onde, a partir do segundo curso, fui recriminado 'pelos atos incompatíveis com o título de um estudante soviético', como foi formulado pelo reitor da Universidade. Concretamente, pela leitura e divulgação no meio dos universitários do trabalho do estudioso ucraniano Iván Dziuba: INTERNACIONALISMO OU RUSSIFICAÇÃO? Em represália, passei dois anos no serviço militar e no *radhosp*, em trabalhos não-qualificados.

As minhas poesias foram publicadas pela primeira vez em 1963, depois apareceram em várias edições republicanas até 1969, quando cessei de ser publicado até 1986. O primeiro volume de minhas poesias, que devia sair em Kyiw em 1968, foi destruído no prelo; o segundo, que devia aparecer em 1970 em outra editora, não foi

admitido à publicação. Em 1970, saiu nos EUA minha antologia, naquele tempo mais completa, sob o título JANELA VOADORA, em língua ucraniana. Nos anos de perseguição da minha criação poética, consegui divulgar algumas das minhas obras em editoras de língua ucraniana na Polônia e outros países da diáspora ucraniana, apesar de que fui proibido de enviar meus escritos, seja para o exterior, seja para dentro do país.

A partir de 1986, tive de novo possibilidade de ser publicado nos jornais e revistas republicanos. Em 1988 saiu em Kyiw o meu primeiro volume, sob o título DIA VERDE; em 1990 apareceu o segundo livro, ÍCARO EM ASAS DE BORBOLETA. Em 1988, recebi o Prêmio Literário Republicano Vassyl Symonenko, que é dado aos autores por seu primeiro livro qualificado.

Nos últimos anos, várias de minhas poesias apareceram em traduções para outras línguas: em Russo, Estoniano, Letão, Polonês, Rumeno, Sérvio-Croata, Francês, Inglês, Alemão e, também, em Português, quando pelos cuidados de Wira Wowk no Brasil saíram publicados, em 1966, a antologia poética ucraniana GIRASSOL e, em 1973, O CÂNTARO, onde foram incluídos também meus poemas.

Desde sempre fui apaixonado pelo folclore ucraniano e considero meus mestres aqueles poetas pátrios e universais que possuem tendências análogas e, ao mesmo tempo, se expressam em linguagem poética atual."

Vassyl Gholoborodhko

4-III-1991

A POESIA MÁGICA DE VASSYL GHOLOBORODHKO

Vejo na poesia de Vassyl Gholoborodhko três temas principais que se entrelaçam e por vezes confundem: a infância mágica, a dor e a ironia político-social.

O primeiro tema aparece na lírica codificada com muitas catacrezes: é o mundo infantil, onde árvores, pássaros, casas, matos e campos se comportam como seres humanos, benévolos e carinhosos para com a criança. É o paraíso ucraniano perdido. É a Ucrânia dos contos de fada, onde as coisas impossíveis tornam-se reais e naturais. É a aldeia que surge na saudade de Tarás Chewtchenko como uma pyssanka (*) colorida.

Depois vêm a guerra, a morte, a dor, a injustiça aludidas pelos signos. A ausência dos entes queridos aparece pungente, embora liricamente contida. A criança e a mãe se deparam com o vazio, com o estranho.

O mundo-cão de um país com a cultura escravizada e valores pelo avesso reflete-se em poesias de fina ironia. Através de uma espécie de parábolas poéticas, o autor desmascara os covardes, que renegam o próprio nome; os gananciosos, que se vendem pelos lucros materiais; os ímpios, que perderam o sentido de coisas sacras, profanando a memória dos mortos e dos livros sábios; os bajuladores, que se prostram diante do inimigo.

O poeta de alma cândida louva uma vida simples e verdadeira, dedicada aos seus semelhantes, à Arte e à Natureza, de que nos fala sua poesia SEM MAPA NEM BÚSSOLA.

W. S.

(*) Ovo de Páscoa.

PEREIRA

A tarde caiu — melão listrado —
e a mãe levou para fora a mesinha,
pondo a ceia em cima,
e nós nos sentamos a cear, a irmãzinha e eu.

(Eu rescendia a rubra flor do campo,
e a irmãzinha — a dourada flor da eira.)

Comíamos mel espesso
passado na fatia
e bebíamos leite da tarde.

Na soleira da casa estava sentada a mãe
olhando a irmãzinha e eu comer . . .
E depois nós convidamos à ceia
a branca pereira
que estava de pé junto à casa, sobre as flores azuis.

A mãe lhe trouxe um banquinho,
serviu-lhe leite,
untou a fatia com mel —
e a pereira sentou-se.

— Come, pereira, mel e dá-nos peras!
Bebe, pereira, leite e dá-nos peras!
Come, pereira, pão e dá-nos peras!

DIA VERDE

PÃO

As sombras, como galinhas, correram da casa:
nós nos sentamos à mesa para merenda:
eu olho as mãos maternas,
as mãos que cortam o pão.
Todos à mesa recebem uma fatia,
mas meu quinhão é o trigal inteiro,
comigo, pequeno, deitado nele.
Caí, afundei-me nas ondas triguais:
alto no céu ondulam as espigas,
pássaro qual peixes nadam no alto,
passam por cima de mim barcos de nuvens,
longe, através de água, rangem carroças com rodas.
Quieto estou deitado, para não espantar a ceifeira
que qual codorna no ninho choca nos sulcos . . .
A mãe brandamente acaricia as espigas,
deixa escorrer os grãos de uma para a outra mão,
como ave a bicar cada grãozinho na terra,
borda com uma ponta de espiga
no linho de minhas pupilas
mãos de ouro
mãos que cortam o pão.

DIA VERDE

CESTINHA

No verão-verãozinho
juntos colhíamos morangos.
A cestinha era apenas uma,
a menina a segurava em suas mãos magrinhas.
Eu me deliciava
quando ela se inclinava
procurando bagos na erva,
curvava-se como flor
quando nela pousa borboleta.
E depois a menina desapareceu:
caiu no capim
e sumiu.
Fundiu-se com a clareira.
Seu cabelo tornou-se erva,
os olhos — orvalho,
as faces — morangos.
Eu a chamava sempre e sempre em vão,
ouvindo só como ria baixinho com folhas,
como mexia com talos,
via só como olhava o céu com olhos de orvalho.
E eu colhia morangos nas suas faces.
A cestinha, nós a esquecemos de todo.
De todo.

DIA VERDE

PELA RUA ATRAVÉS DO VERÃO

Quando começa o verão
a nossa casa se desprende do chão —
com o dourado lenço de palha,
trajando a veste de cerejeiras,
com olhos largos
sobre a face nívea —
e vai pela rua até o sol,
que é qual grande música
sobre as espigas do campo.
Dentro da casa — eu e meus livros amados
alinhados na mesa
ou de asas abertas, como pássaros.
A mãe costura junto à janela.
Vem o irmão do trabalho
trazendo aromas de sal e de grão —
ele é tratorista.
E no banco o pai sentado,
apoiou a cabeça nos braços
num pensamento grave . . .
Pelo chão anda a arruda.
Pelo chão andam os raios solares.
A casa anda
e atrás dela, como um bando de gansos,
seguem outras casas — a aldeia inteira —
desiguais entre si
e a nossa casa,
mas do mesmo modo níveas,
com largos olhos,
com iguais lenços de palha
e iguais vestes de cerejeiras.

DIA VERDE

SOB A ASA

O nosso pátio tem dois portões:
por um, os filhos vão longe para o trabalho.

E por outro, a mãe toca para o pátio
a saúde verde nas patas dos gansos,
traz a água da beleza para as filhas,
sai para a rua e amarra os caminhos.

DIA VERDE

O POMAR E O VÔO

A mãe dá a cada um dos filhos
em uma cerejeira um pomar
e de ponto-cruz lhes prepara
altas asas para o futuro.

Em voz baixa ensina a não acreditar em quem diz
que a cerejeira ainda não é pomar
e que a camisa bordada não serve para o vôo.

DIA VERDE

NA PRIMAVERA

Na primavera, a veste da macieira é tão leve:
o pássaro fez brisa com as asas
e a macieira voou.

Voou e levou consigo a avozinha —
ela foi longe, longe da casa
onde foi respeitada,
carregando no embrulho consigo o poço
e as mãozinhas infantis da dourada macieira.

DIA VERDE

DUAS MACIEIRAS

A macieira gosta de viver em nossa casa,
só que de outro lado da janela:
eu olho pela janela suas faces rosadas
e a macieira olha
minhas faces rosadas pela janela.

A nossa mãe não faz diferença entre nós
e diz a mim: — Ghannussia, tu estás florescendo, —
como se eu fosse a macieira,
e calçam meias brancas na macieira,
como se a macieira fosse eu.

DIA VERDE

CONJURAÇÃO DA CHUVA

Chuva, chuvazinha,
eu te darei uma vara de bambu
para que pesques peixes e espalhes escama na horta,
eu te colherei a tijela cheia de cerejas,
para que as degustes, jogando os carocinhos contra
a janela,
eu te afiarei os dentinhos para o novo ancinho,
para que penteies o cabelo da grama,
só não andes por aquele caminho
por onde eu ando,
o almoço ao pai no campo levando.

DIA VERDE

A CHUVA PERNALTA

A chuva pernalta
amassa lama nas poças
para os ninhos de andorinhas.
Corre ao rio
— uma perna aqui, outra lá —
buscar água para regar
uma meda de feno,
para que a papoula não lhe ponha fogo.
E cansada deita-se na grama,
bem junto às raízes.

DIA VERDE

SONHOS DO MENINO

São Pedro apascentava sonhos com a
"varinha de São Pedro" (*),
os sonhos se dispersaram,
São Pedro foi com a varinha azul à procura dos sonhos.

Foi até o bosque onde estava uma flor a dormir,
apoiando a cabeça no travesseiro verde.

— Flor do bosque, abre o portão,
os sonhos por aqui se esconderam!

Do portão da flor saem os sonhos.

São Pedro, com a varinha, os conduz para casa
onde dorme o menino.

Os sonhos se metem embaixo de sua cabeça,
pastam e não se dispersam.

DIA VERDE

(*) Cichorium.

A NUVEM ACARICIADA

A nuvem estava ao lado,
poder-se-ia acariciá-la com a mão, igual a uma ovelha,
não porque eu tivesse subido ao pico mais alto,
nem porque fiquei maior do que a chaminé.
Eu poderia me ajoelhar
ou deitar, qual lagartixa, na relva —
a nuvem estava ao lado.

Quando voltar para casa,
verei que pende
nos ramos da cerejeira.

DIA VERDE

DOCES ARVOREZINHAS

Doces arvorezinhas
venham florir em nosso pomar:
trarei água
para que bebais depois do caminho hibernal,
sob os pés deitarei um tapete de grama,
para que piseis no macio,
nos ramos pousarei pássaros
para alegrar-vos.

Já vêm as arvorezinhas ao nosso pomar,
florescem de branco, parecem lembrar o inverno,
geram canequinhas de peras,
maçãs mais vermelhas do que crista de galo
e cerejas mais abundantes do que abelhas no enxame.
Saciarão a todos!

DIA VERDE

MATA

Além da virada, mais redonda do que a roda,
vem a mata ao encontro do peregrino,
anda com pés de raízes peludos
com mealheiro de outonos, primaveras, verões e invernos.

Com mistérios no oco de pereiras,
com arbustos que gritam com vozes de cervos,
com duas fitas que se entrelaçam:
com o povo que cultiva amizade com cogumelos.

DIA VERDE

TOURO DE UM CHIFRE

Da caverna escura que era centeio
saía um touro de um chifre só que era arado
e se lançava sobre a mulher que era a terra
e esta caía como glebas que eram pernas nuas

Ferida pelo chifre do touro que era o arado
a mulher estava estendida na terra que era nua
e olhava flores que eram papoulas vermelhas

O touro de um chifre que era arado voltava
para a caverna escura que era centeio

DIA VERDE

VERDE BERÇO

Fios de raios solares,
não: de cordões dourados,
e neles o verde berço
balança.

Poço com olhos de criança
ri baixinho:
os cortadores de trigo
fazem-lhe cócegas com seus lábios.

DIA VERDE

NA CLAREIRA

A abelha diz à flor: — Toma!
e esta abre a palma da mão.

Verdes crianças de mãos dadas
dançam ciranda.

A borboleta tira adivinhação
de um canequinho branco.

DIA VERDE

OS PÁSSAROS DE SETEMBRO

Pássaro no pássaro —
a sombra do pássaro no ramo
e na terra —
os pássaros voam para a migração
às terras distantes.

Bebem o ar da pastoril avena,
devolvem às árvores o bastão do pastor.

Um aluno está sentado na escola:
prende um pássaro de setembro
na gaiola do seu caderno.

DIA VERDE

SERÁ OURO NO OURO

Será ouro no ouro
o sol nas bétulas outonais
e disso o dia será mais dourado

As cúpulas rubras do bosque de bétulas
serão mais rubras do que copas de antigas igrejas
e altiva altura acima de ti pairará
mais alta do que o ouro dourado
e tu ainda mais baixo estarás
tu estarás de joelhos

Serão translúcidas as paredes da catedral celeste
e palavras serão translúcidas e sem som
e translúcida água há de banhar tua fronte

DIA VERDE

COM OLHAR ENAMORADO

Olhar-te: mirar
como voam pomares
cobrindo tudo de branco.

Olhar-te: espiar
com um canto do olho
no âmago da maçã.

Olhar-te: guardar
nos olhos as aves cinzentas —
teus olhos voláteis.

Olhar-te: verter
sobre a lâmina nua
o sangue das rosas.

DIA VERDE

POMAR DE CEREJEIRAS EM SILÊNCIO

Juntos

Algo de branco desce da cerca
quando a cerejeira se põe junto aos namorados.
Eles receiam a branca aparição —
abraçados ficam em silêncio.
E a cerejeira com baldes cheios passa pesada
para não derramar o leite.

Reflexo

Os enamorados beijam-se silenciosamente
escutando seu corpo
onde anda na ponta dos pés cerejeira florida.
Lá no meio de folhas vive um pássaro
que também fica quieto
para não espantar a si mesmo.

DIA VERDE

DOURADOS CANECOS DE PERAS

Sacudimos, a mãe e eu, a pereira no pomar.
Enchi a camisa
de canequinhos dourados,
cheios de mel,
e fui correndo ao campo,
onde o pai cortava o trigo.

Cheguei perto —
a ceifeira parada
— um pássaro vermelho, sem asas.
Aproximei-me,
chamei o pai — ninguém.
Olhei no cabelo do trigo — ninguém.
Olhei no fundo da rua — nem rastro.
Olhei embaixo da veste da árvore — ninguém.
Perguntei ao lúcio
que queria engolir o sol — não viu.
Perguntei ao rio — não viu.
Perguntei ao floco de ovelhas — não viu.
A ceifeira parada
— um vermelho peixe sem asas,
e o pai por toda a parte ausente.

E o pai está na terra desde a guerra:
seu corpo tornou-se terra.
Com seus pés andam tratores.
Com seus braços cresce o viburno no bosque ribeirinho.
Com seu cabelo esticam-se espigas de trigo.
Com seus olhos repicam fontes embaixo das árvores...

— Pai, eu te trouxe peras!
Mãe e eu sacudimos a pereira no nosso pomar.
Aqui, pai, toma...
A mãe te aguarda sempre
junto ao parapeito da janela,
diz: de onde partiu há de voltar, —
sempre te espera...

E eu nem te vi, pai, a não ser
na foto ampliada, ornada de toalha bordada.
(...)

Caem
os canecos dourados, as peras,
e rompem-se,
dobrando silenciosamente.

DIA VERDE

ATRÁS DA MESA FESTIVA

Nossa mesa
sentiu a festa
e virou árvore estranha:
criou brotos
e delas desabrocharam flores
(as folhas eram brancas
do tamanho de pratos),
e simplesmente, em flores esmaltadas,
sazonaram maçãs.
As maçãs eram vermelhas, muito vermelhas,
como pintadas por criança.
Nossas mãos de dedos espalhados,
como pássaros, voavam acima da mesa,
chocavam-se no meio e tiniam
(as mãos tinem assim apenas na festa).
E a mãe foi rolando seis maçãs vermelhas
sobre a toalha.
— Sei para quem são as cinco, mas a sexta?
(A mesa sabe que éramos seis em família
e gerou seis maçãs para a festa.)
— Mãe, — digo eu, — a sexta será para minha esposa...
Minha esposa — com cílios até a toalha —
se acanha. A maçã em sua mão se aquece
até o rubor nas faces.

DIA VERDE

A MÃE CARREGOU ÁGUA

Pela aldeia corre o caminho,
pelo caminho foi a mãe.
A mãe foi pelo caminho
carregando água para casa.

Até o poço corre o caminho,
a mãe foi para casa.
A mãe foi para casa,
mas em casa não chegou.

— Para onde me levaste, ó caminho?
Eu ia para casa, não ao campo-santo.

A pervinca se alastra no túmulo do filho,
no túmulo do filho posou os baldes.

— Para onde me levaste, ó caminho?
Eu ia para casa e cheguei ao filho.

DIA VERDE

O MENINO TOCAVA GAITA

O menino tocava gaita,
o menino gaita tocava:

— Cadê meu pai? — perguntava o menino,
o menino perguntava: — Cadê o meu pai?

A mãe descascava batatas,
a mãe batatas descascava;
curvou-se e não soube encontrar a batatinha,
encontrar a batatinha não soube.

— O pai de Mykolka comprou-lhe a bicicleta,
o pai comprou a bicicleta para Mykolka,
e meu pai, não sei por que, não a compra,
não a compra, não sei por que, o meu pai.

Na gaita há cinco botões brancos,
cinco botões brancos há na gaita.
A mãe não sabe encontrar a batatinha,
encontrar a batatinha, a mãe não sabe.

DIA VERDE

A GUERRA NA MEMÓRIA DA MÃE

O trem correndo
sem rodas
e o marido sentado na direção
embora estivesse, de todo, ausente na cabine.
Corre o trem
ai corre,
e no vagão sobre a palha deitado
o filho morto.
— O que trazes para mim,
meu marido?
Um corte de fazenda para vestido,
ou seda para lenço?
— Eu te trago, mãe, o filho morto!
A-a-a-a-a!
Na toalha de palha
um filho de cerejas bordado!
Aguardava o marido
voltar da Alemanha com prendas,
mas ele tombou
bem no finzinho da guerra.
Então deixou de esperá-lo,
aguardando o filho.
E o filho foi morto também.
A-a-a-a-a!
Ó guerra, guerra, — és água?
Não, — és de memória pedras
que pesadas caem no fundo do coração!
Com os anos pesam cada vez mais,
até que o coração fica cheio
e estoura, como maçã
de maturação outonal.

DIA VERDE

ESPERA

Alguém largamente abriu a porta
e silencioso vai à cabeceira da mesa.
Só a vela estremece
qual borboleta na flor negra.

E o pássaro na toalha
alegra-se, enrubescendo qual brasa.

DIA VERDE

MAIS SILENCIOSAMENTE

Mais silenciosamente fazei discursos,
mais silenciosamente pregai sermões —
quero ouvir como chora
a avena com seus seis olhos.

Mais silenciosamente chora, ó avena,
tão silenciosamente que não te ouçam,
não espantes hoje pássaros negros
pousados nas frentes das mulheres.

Sussurrai mais silenciosamente com as asas, ó pássaros,
não espanteis o choro das mulheres.
Que marulhem lágrimas nas faces —
é o último som que desejo ouvir.

DIA VERDE

LÁGRIMA

Vê a desgraça humana não de longe, e sim como mãe,
escuta a canção não com ouvido, porém com alma,
toca a dor não com ponta do dedo, mas com coração,
então serás água.

Brotarás tu e o rio debaixo de uma raiz no bosque
da fonte da terra sangrenta.

Correrás para longe
e já não voltarás, que nem o barquinho
da mão infantil de uma árvore outonal.

DIA VERDE

ENCONTRO COM O IRMÃO

Compramos na esquina um saquinho de morangos,
gracejando com a jovem vendedora.
(Os morangos ostentavam seus lábios vermelhos
pelas janelas de papel.)

Depois encontramos um banco vazio,
sentamo-nos, comendo um por um os morangos,
e de repente a cidade rescendia
que nem um prato cheio de luz de julho.

Conversa — qual fio
de boca em boca:
as palavras saltam quais pássaros
pelo fio para cá — para lá.
Se viesse ainda o sol de botas vermelhas,
se entrassem ainda voando chapins azulados
em nossos ouvidos,
se estivesse aqui ainda o poço entrançado na relva,
estaríamos de todo em casa.

DIA VERDE

O SÉTIMO DA CORRENTE

Na nossa corrente há sete elos a trabalhar.
Seis se apresentam no traje mineiro,
seis descem à mina,
mas somos sete na clarabóia.
Talvez da nossa equipe ninguém o veja,
mas eu vejo.
O sétimo é Petró.
Eu trabalhei com ele muitos anos
martelo junto ao martelo,
mas logo não quero tagarelar
sobre como e quem ele era.
Começo a colocar as estacas,
logo ele aparece e ajuda:
segura a estaca, bate com o martelo,
e depois pede um cigarro e some no escuro . . .
— Petró, — lhe digo certa vez,
— vamos subir nós dois:
no meu pomar as maçãs sazouaram,
provarás, há tanto tempo não comes.
— Não, — recusa, — traga-as melhor para cá. —
E eu levo, ora maçãs, ora cigarros,
ora lembranças da esposa,
ao Petró, o sétimo da nossa corrente.

DIA VERDE

CARTA PARA A MÃE

Chegarei quando sobre as cobertas de Poltava
estendidas nos verdes campos
gansos procurarem suas asas
e rodas sonharem com a estrada
bordada nas cobertas de Poltava.

Mãe, cuidai em agasalhar-vos —
no rádio deram notícia
de frio em vossa terra.

E semeai flores em torno da casa.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

ELEGIA

Nas amarelas espigas
vivem pássaros de asas amarelas
que nenhum pássaro possui

o vento sopra
os pássaros querem voar
o campo todo se eleva e voa

para escutar as canções amarelas
farei uma gaiola
e prenderei nela um pássaro

o campo voará —
não posso prendê-lo todo
um pássaro sente pesar na solidão

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

AQUELE AVIÃO

Aquele avião que voa até o País dos Girassóis
não vai aterrizar pois lá não há aeroportos
e minha observação que aquele avião
pode pousar como cegonha sobre o telhado
ou como cotovia sobre o campo
ou como abelha diretamente no girassol
é louca como a tranquilização de mim mesmo

ICARO NAS ASAS DA BORBOLETA

MÃE, OLHAR O TETO

Mãe, olhar o teto
como se olhasse pela janela,
acordar no meio da noite
entre cerejeiras nuas em torno da casa.

Mãe, escutar a partida dos grous,
escutar a partida de alguma coisa
que não se parece com o grito dos grous,
mas que faz ficar acordado de noite,
fumar cigarros
e vigiar até a madrugada.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

A DIREÇÃO DA DOR

Para não sentir dor abrirei a porta verdadeira entrando
em outro lugar não o que tencionava.

Então virá a dor, e eu não saberei

onde guardar a luzente moeda

para eu mesmo não vê-la:

costurar na coberta de plumas,

jogar na meda do feno,

ou deitar na estrada para que as gralhas a roubem?

Minha luzente moeda, eu a trocarei por um cavalinho,

assoviando, talvez não sinta dor,

pois no cavalinho de argila longe não saltarei!

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

DESDE OS TEMPOS REMOTOS

Desde os tempos remotos pretendia
como concha ficar colado ao fundo da nave

Tornava-se concha colada, tão apertada,
que era difícil de arrancá-la

E ninguém lhe disse que não era concha
que nesse mar ele era a própria nave

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

NEGRO ARAL

Negro aral —
inverno para corvos?
branco aral —
pombos para inverno?

Aqui estão a foice,
a amora silvestre de lábios azuis,
o bosque ribeirinho.
Próximo está o coração,
para que cada um encontre meu lar.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

PARA QUE NÃO TE CONHEÇAM

Para que não te conheçam
quebra um ramo de cerejeira
e fica parada à beira do caminho

e quando levatares o ramo tapando os olhos
tornar-te-ás cerejeira
e ninguém mais te reconhecerá

Ainda canta — pensarão que pousaram pássaros
na cerejeira

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

ÉS COMO AREIA

És como areia —
mais aperto meus dedos

És como pássaro —
faço-te uma gaiola

És como água do rio —
busco para ti uma jarra

E já és floresta
E já és campina
E já és estrada

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

SINTO QUE NESTA CIDADE ALGUÉM ESTÁ AUSENTE

Sinto que nesta cidade alguém está ausente.

Ocupo a cabine telefônica
e ligarei para todas as partes,
mas de todos os lugares responderão
meus conhecidos (a quem interrompi o café da manhã),
dizendo que estão vivos e são,
no entanto eu sei que alguém está ausente
e até ele não há ligação.

Espiarei em todas as garagens, em todos os apartamentos,
em repartições públicas — esperançoso de encontrar
aquele que está ausente.

Subirei acima da cidade, descerei ao metrô
e não o encontrarei.

Irei ao cinema, ao baile,
passarei sob as janelas, onde morava a amada,
entrarei na loja de brinquedos,
mas também lá não encontro ninguém.

Então compreenderei que nesta cidade
eu próprio estou ausente.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

SEM NOME

Roubaram meu nome
(não as calças, dá pra viver sem ele!)
E agora me chamam
aquele a quem roubaram o nome.
Eu sei semear e fazer paredes brancas,
e tendo semeado, todos saberão que semeou aquele
a quem roubaram o nome,
e nas paredes brancas sempre escrevo:
estas paredes fez aquele a quem roubaram o nome.
Telegramas de cumprimentos e cartas
são enviados já para o meu novo nome.
Todos estão de acordo (eu próprio também, há muito
tempo)
com o meu novo nome.
A esposa acostumou-se da mesma maneira.
Mas eis que não sei o que será com os filhos,
como os chamarão pelo nome paterno?

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

TU ME DEIXASTE

Tu me deixaste —
como pássaro que voa do ramo.

Tu me deixaste —
secarei como ramo sem pássaro.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

CONVERSA SÉRIA

Ele me pediu para adiar a conversa
e a conversa tinha que ser muito séria
e sentou-se no banco junto à mesa em minha frente
em seguida começou a acontecer com ele algo de estranho
ele deu para diminuir a meus olhos
gritei para que parasse com estas bobagens
pois nós teríamos uma conversa séria à frente
mas ele minguava e eu nem cheguei
a fazer-lhe algumas perguntas
e quando me levantei espiando por cima da mesa
reparei que no banco jazia um simples botão
com o qual não se pode conversar seriamente
pois que serve para ser preso na abertura da blusa
onde justamente estava faltando um botão
e a conversa séria não veio a realizar-se

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

PARA ATERRAR ESTE ABISMO

Para aterrar este abismo
utilizamos diversos entulhos
e na maioria das vezes parte tiramos livros da biblioteca
enormes livros
temos que carregar a dois
só algumas páginas deles
espiando pra trás
se o vigia não olha
com que entulhos não construtivos e impróprios
aterramos o abismo
sabemos:
na primavera desce água dos montes
e o abismo há de surgir novamente
debaixo daqueles entulhos

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

IN MEMORIAM

Parece que saiu o decreto com permissão
de plantar nos cemitérios
batatas e hortaliças.

Algumas horas depois

os voluntários trovejavam na rua
com baldes e pás — corriam a pegar
canteiros para batatas e hortaliças.

No entanto, a pressa era vã, pois todos tinham
parentes que lá jaziam em sono eterno.

Então foram lavrar a terra,
arrancando lilases e íris,

foram plantar batatas, cebolas e semear rabanetes

(Depois perceberam que isso não era tão cômodo;
mais tarde só se ouvia a corrida de motocicletas

de homens com as garrafas — o lugar se prestava às
farras.)

Os canteiros saíram retos e lisos

(como túmulos arrumados!)

e o povo se lamentava da sorte

que tão poucos de seus parentes morreram

e que não se pudesse plantar nos seus túmulos
batatas e hortaliças.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

OS COSSACOS RESSECADOS

O tzar Pedro gostava de fazer coleções mais diversas: viajava através da Alemanha, comprando quadros e livros antigos.

Teve, ainda, vontade de fazer uma coleção nunca vista no mundo inteiro: pediu ao ghehman (*) Polúbotok que lhe desse alguns cossacos para serem secados.

O ghehman lhe disse: não e não.

O tzar Pedro, então, convidou o ghehman a sua morada. Polúbotok foi e levou quatrocentos cossacos, dizendo:

— Alerta, senhores! Não tenhais receio!

Não irá nos morder! Nem tireis os bonés diante dele! — Foram ao palácio, esperando o tzar.

Quando este apareceu, Polúbotok foi à frente:

— Não deixo os cossacos à perdição, e ponto final!

O tzar sacou da bainha um sabre, prendendo Polúbotok à parede, para secar.

O ghehman olhou seus cossacos, e estes prenderam-se à parede espontaneamente.

Desta maneira, o tzar Pedro realizou a coletânea curiosa: quatrocentos mais um ressecados cossacos, com pantalonas e boinas. É assim.

ICARO NAS ASAS DA BORBOLETA

(*) Chefe dos cossacos.

DOURADO SOSSEGO

Cheguei ao dentista dizendo:

— Coloque-me dentes,
não os de lobo,
nem os de coelho,
coloque-me os de ouro.

Morder a pedra — tarefa árdua,
além disso gastarás os teus dentes,
e dizem que dentes se gastam
quando deres com a língua nos dentes;
então porei os de ouro,
não morderei a pedra
nem baterei com a língua nos dentes.

Agora tenho a boca cheia de ouro.
Quando passo por alguém, relampejo o ouro da boca:
e sou compadre do rei,
e paraninfo do ministro,
e zdrástvuite (*) agradavelmente faz cócegas no meu
ouvido.

Agora eu ando e não mordo mais a pedra,
(para que pôr em risco o ouro, mesmo aquele que está
nos dentes?)
agora ando e não bato com a língua nos dentes
(para que pôr em risco o ouro, mesmo aquele que está
nos dentes?)

Minha língua mora na fortaleza de ouro
(para que esticar a língua — isso é infantil!)
Ela tem paz
e eu não tenho aborrecimentos.

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

(*) Saudação russa.

SEM MAPA E SEM BÚSSOLA

Eu douraria cruzes e cúpulas
nas catedrais de grandes cidades
e nas pequenas igrejas de aldeias ignotas
restaurador ambulante de vila em vila
sem mapa nem bússola
subindo o campanário
olhando todos os lados
veria a igreja da aldeia vizinha a ser visitada

Iria causar ardor nas almas da criançada
o encantamento nas moças
a vontade de ajudar nos jovens da mesma idade
o respeito nos velhos

Atrás de mim brilharia no horizonte
qual cápsula de papoula dourada
uma igreja
por cima pelo sol dourada
nos muros pela lua prateada

Eu douraria cruzes e cúpulas
caindo por terra e me despencando
douraria de novo
até a cabeça sentir vertigens
e os pés sentirem fraqueza

Então eu limparia profundos poços das estepes
cavaria poços nos vales
procuraria água pelos sinais
notaria onde cresce a amora silvestre
faria a rã saltar da bolsa molhada
observaria o ramo bifurcado de salgueiro
cavando conforme o aviso
um poço dois palmos de fundo
para o capim borboletas e aves

com profundidade de antebraço
para animais e arbustos
e até a fonte mais pura
para os peregrinos desconhecidos

Eu cavaria poços
lajeados de pedra branca
até chegar à beira do poço
que não foi cavado para ser fonte

ÍCARO NAS ASAS DA BORBOLETA

ÍNDICE	Pág.
APRESENTAÇÃO DO POETA	7
A POESIA MÁGICA DE VASSYL GHOLOBORODHKO PEREIRA	9
PÃO	11
CESTINHA	12
PELA RUA ATRAVÉS DO VERÃO	13
SOB A ASA	14
O POMAR E O VÔO	15
NA PRIMAVERA	16
DUAS MACIEIRAS	17
CONJURAÇÃO DA CHUVA	18
A CHUVA PERNALTA	19
SONHOS DO MENINO	20
A NUVEM ACARICIADA	21
DOCES ARVOREZINHAS	22
MATA	23
TOURO DE UM CHIFRE	24
VERDE BERÇO	25
NA CLAREIRA	26
OS PÁSSAROS DE SETEMBRO	27
SERÁ OURO NO OURO	28
COM OLHAR ENAMORADO	29
POMAR DE CEREJEIRAS EM SILÊNCIO	30
DOURADOS CANECOS DE PERAS	31
ATRÁS DA MESA FESTIVA	32
A MÃE CARREGOU ÁGUA	33
O MENINO TOCAVA GAITA	34
A GUERRA NA MEMÓRIA DA MÃE	35
ESPERA	36
MAIS SILENCIOSAMENTE	37
	38
	39

	Pág.
LÁGRIMA	40
ENCONTRO COM O IRMÃO	41
O SÉTIMO DA CORRENTE	42
CARTA PARA A MÃE	43
ELEGIA	44
AQUELE AVIÃO	45
MÃE, OLHAR O TETO	46
A DIREÇÃO DA DOR	47
DESDE OS TEMPOS REMOTOS	48
NEGRO ARAL	49
PARA QUE NÃO TE CONHEÇAM	50
ÉS COMO AREIA	51
SINTO QUE NESTA CIDADE ALGUÉM ESTÁ AUSENTE	52
SEM NOME	53
TU ME DEIXASTE	54
CONVERSA SÉRIA	55
PARA ATERRAR ESTE ABISMO	56
IN MEMORIAM	57
OS COSSACOS RESSECADOS	58
DOURADO SOSSEGO	59
SEM MAPA E SEM BÚSSOLA	60

Printed in Brazil

**Composto e Impresso nas Oficinas da
Companhia Brasileira de Artes Gráficas.
Rua Riachuelo, 128 — Rio de Janeiro — RJ
Tels.: 222-3359 — 232-9823 — 232-5783**

A

1514

